

O SIGNO E O HÁBITO EM MEIO AO AUTOMATISMO NO ESPAÇO URBANO: O CASO DE ÁGUAS CLARAS - DF ¹

Vinícius de Noronha Miranda VINHAL²
Fátima Aparecida dos SANTOS³
Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF

RESUMO

A partir dessa pesquisa e tendo como ponto de partida o trabalho de David Harvey, Henry Lefebvre, Lucrécia Ferrara e Milton Santos, busco compreender a mobilização dos signos pelo capital para o mercado consumidor em Águas Claras - DF – com base na história de sua construção – e quais as consequências disso em sua visualidade e cotidiano. Para tanto, assumi a posição de observador em caminhadas contemplativas, tendo como referência Francesco Careri, Michel de Certeau e resultado a investigação da natureza do hábito em meio ao automatismo capitalista e um retrato da semiosfera da cidade, com base em Georg Simmel, I. M. Lotman, C. S. Peirce e seus comentadores.

PALAVRAS-CHAVE

Águas Claras; cidade; espaço; semiótica; capitalismo.

RESUMO EXPANDIDO

A partir da Lei nº 385 de 16 de dezembro de 1992, o bairro de Águas Claras (então parte da Região Administrativa de Taguatinga; desde 2003, RA XX do Distrito Federal) teve sua construção autorizada em meio a um conflito entre o modelo da Cidade Modernista – exaltado pelo projeto de Lúcio Costa para o Plano Piloto replicado em outras RAs – e o saudosismo em relação a uma suposta “cidade brasileira tradicional”. Ainda que houvesse uma tentativa de encontrar um meio-termo entre os extremos, englobando também aspectos benéficos da área central de Brasília, as necessidades do mercado imporiam ao novo projeto uma expansão urbana desordenada.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Semiótica da Comunicação do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual pela FAC-UnB e Mestrando em Design, Espaço e Mediações no Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes, Universidade de Brasília, e-mail: vinicius.vinhal@gmail.com

³ Designer, mestre e doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP com estágio pós-doutoral pela Università Degli Studi di Torino – CIRCE, Professora do Departamento de Design – Graduação em Design e PPG-Design – linha Design, Espaço e Mediações do Instituto de Artes, Universidade de Brasília, e-mail: designerfatima45@gmail.com

Inúmeras determinações do Plano Diretor capitaneado pelo arquiteto Paulo Zimbres, como número máximo de pavimentos, taxa de aproveitamento de lotes, densidade populacional prevista, lotes destinados à educação (ao total, 25 lotes seriam destinados à área), ao lazer e à cultura, seriam solapados por empreiteiras e incorporadoras. Haveria um norte predominante, o do capital, agente produtor de tal espaço, tendo a Terracap (Companhia Imobiliária de Brasília) e a especulação a seu favor.

Em 2008, Águas Claras sagrou-se o maior canteiro de obras da construção civil do Brasil (SENADO FEDERAL, 2008). Hoje, atividades do domínio público são encontradas, em maioria, dentro de condomínios: “são complexos compostos por áreas de lazer com piscinas, playground, salão de festas, churrasqueiras, academia de ginástica, sauna e quadras esportivas (FRANÇA, 2008, p. 163 In PEREIRA; CRUZ, 2021, p. 14), construído sob o slogan da segurança e da qualidade de vida. Edifícios chegam a 36 andares, com muros de até 12 metros ladeando calçadas estreitas e, mesmo com o posto de maior densidade populacional do DF (são 14.074 habitantes por km²) (IBGE, 2022), a cidade ainda não fornece acesso a saúde e educação públicas.

Nesse prisma, considerando o espaço enquanto união interdependente de *sistemas de objetos* (objetos do espaço ou *fixos*, como a paisagem) e *sistemas de ações* (ações humanas ou *fluxos*, gestos dinâmicos) (SANTOS, 2006), à medida em que se prezou pelo tempo (a velocidade) em detrimento do espaço (o resultado) em prol da aceleração do capital de giro (HARVEY, 2004), desprezou-se sua subjetividade e necessidades básicas, bem como equipamentos urbanos e áreas idealmente prioritárias, como saúde e educação, consideradas “despesas”. Como expõe de Certeau (2014) em “A Invenção do Cotidiano”:

[...] o sistema do lucro gera uma perda que, sob as múltiplas formas de miséria fora dele e do desperdício dentro dele, inverte constantemente a produção em “gasto” ou “despesa” [...] a organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não pensado de uma tecnologia científica e política. (DE CERTEAU, 2014, p. 161).

Ignorando-se as espontaneidades da produção do espaço, criou-se mais uma referência para a região sudoeste da Capital, possibilitando a ocupação do hiato habitacional entre o Guará e as regiões mais populosas do DF (Taguatinga, Ceilândia e Samambaia). Um novo centro que, porém, não possui a seu favor o ideal edílico de Lúcio Costa, nem a centralização das atividades culturais e do funcionalismo público do Plano Piloto (*zona luminosa*), tampouco a efervescência cultural da periferia do DF

(*zona opaca*), com seu potencial de confronto político (SANTOS, 2006). Alienada entre esses dois domínios, a RA se apresenta como uma experiência urbanística inacabada, em que o valor de troca do espaço predominou sob seu valor de uso.

Águas Claras é produto de ações estratégicas do Estado em parceria com a iniciativa privada, durante as quais se utilizou de sua mínima infraestrutura inicial (parque ecológico e linha metroviária) para uso publicitário e especulação sobre seu território, de forma a gerar raridade (ALBUQUERQUE, 2009) em detrimento de aspectos sociais, estruturais e ambientais, com amparo da legislação para desconsiderar as determinações de seus projetistas. Ainda dentro desse tema, de Certeau (2014, p. 161) prossegue:

Assim funciona a Cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da modernidade [...] A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico (DE CERTEAU, 2014, p. 161).

Águas Claras, portanto, assim como Brasília em sua gênese, “serve de baliza ou marco totalizador ou quase mítico para as estratégias socioeconômicas e políticas” (ibid.) dos agentes produtores do espaço. Dessa vez, porém, seus signos e simbologias se mobilizaram quase exclusivamente em prol dos objetivos irrefreáveis do mercado imobiliário, bem como do controle estatal sobre a moradia. Tais signos se fizeram majoritariamente “utilitários”, (FERRARA, 1981, p. 63) – Ferrara os chama de *signos icônicos-utilitários* – ao passo que se propuseram alheios ao compromisso social com as necessidades reais do consumidor e priorizaram o valor de troca em desfavor do valor de uso do espaço para proveito do capital.

Contudo, ressonando de Certeau, a cidade também dá lugar ao contraditório, a pequenas espontaneidades, resistências e ressignificações em seu espaço urbano. É preciso observar que, em suas contradições e embates, a cidade traz a possibilidade do questionamento de si própria e, conseqüentemente, faz possível sua transformação:

[...] as cidades grandes obtêm um lugar absolutamente único, preche de significações ilimitadas, no desenvolvimento da existência anímica; elas se mostram como uma daquelas grandes formações históricas em que as correntes opostas que circunscrevem a vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos (SIMMEL, 2005, p. 589).

O filósofo alemão Georg Simmel ressalta, portanto, que a cidade é polissêmica, inesgotável de significações. Seus signos estão em acelerada transformação, o que faz

necessário que investiguemos o pensamento hegemônico – o capitalista – que os guia. Faz-se preciso recorrer à região da crença, a qual C. S. Peirce, em 1877, por meio de seu texto “A Fixação da Crença”, define como “uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações” (p. 5).

Dessa maneira, se “a organização funcionalista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer sua condição de possibilidade, o próprio espaço” (DE CERTEAU, 2014, p. 161), também se mina possibilidades de observação, contemplação, assim como reflexões e questionamentos sobre o espaço. Cria-se, discretamente, um mecanismo de controle sobre o hábito, sobre as tendências que condicionam nossas interpretações, limitadas pelo excesso de impressões e pelos signos icônicos-utilitários, pulsantes em toda parte.

Sugiro que a fixação de tais crenças e, conseqüentemente, a supressão de possíveis hábitos, dá-se a partir de dois dos métodos enumerados por Peirce em “A Fixação da Crença”. São eles: o método da autoridade, a medida em que se constroem por meio de um sistema burocrático forjado por meio da violência e da desigualdade, seus sustentáculos; e o método da tenacidade, pois se consumam nos alienando independentemente do factual (PEIRCE, 1877). Quando se observa tais crenças em estado de dúvida, porém, num processo de inquirição que valoriza as potencialidades presentes em primeiridade, principalmente a partir da experiência estética, pode-se transcender “esquemas perceptivos e crenças limitadoras” (MERLEAU-PONTY apud REIS, 2011, p. 78).

Busco, portanto, observar possibilidades de transformação – ou o nutrir de hábitos de sentimento norteadores de um ideal estético razoável (SANTAELLA, 1994) – sobre o olhar capitalista a partir da experiência estética da cidade em caminhadas contemplativas, antes das quais coloco objetivos comuns – como ir ao banco, comprar um lápis, tomar água de coco no parque – e durante as quais dou-me a liberdade de derivar por pontos de interesse que evoquem contradições; artificialidades e espontaneidades do espaço. Evoco de Certeau uma última vez:

A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o

signo do que deveria ser, enfim, lugar, mas é apenas um nome, a Cidade (DE CERTEAU, 2014, p. 165).

A errância me desloca de minha rotina, faz de mim um passante, observador fora dos meandros da jornada de trabalho. Tendo como base registros fotográficos, anotações e impressões adquiridas durante tais caminhadas articularei, neste artigo, o repertório teórico proposto de maneira a investigar e estudar dois casos: a vida cotidiana nas praças públicas e seus intrincamentos; e a situação, assim como consequências e peculiaridades semióticas de alguns dos hoje onze prédios abandonados (empreendimentos malsucedidos em imbróglio jurídico) presentes em Águas Claras.

Espero, por meio deste artigo, construir um retrato de meus deslocamentos para identificar as hierarquias da semiosfera de Águas Claras, tendo como referência o embate entre seus processos explosivos (LOTMAN apud NAKAGAWA; CARDOSO, 2020), perturbações, instabilidades e suas dinâmicas particulares, assim como de suas resistências, práticas comunitárias e políticas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. Z. A. **A lógica da produção do espaço de Águas Claras na reprodução do capital no Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ARAÚJO, A. R. M. **Águas Claras Sensível: narrativas de si e da cidade**. Brasília. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única – Infância berlinense: 1900**. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CANELLA, M. Georg Simmel e a crítica à objetividade do conhecimento. **Novos Rumos Sociológicos**, vol. 5, n. 7, p. 64-97, 2017.
- CAMPOS, R. R. **A natureza do espaço para Milton Santos**. *Geografares*, vol. 6, p. 155-165, 2006.
- CARERI, F. **Walkscapes: O Caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios: Águas Claras. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2021.
- DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano – 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, J. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição**. São Paulo: C. E. Nacional, 1979.
- GENOVEZ, P. F.; CAZAROTTO, J. L. A cidade como texto: aproximações entre antropologia, urbanismo e semiótica do espaço. **Cidades, Comunidades e Territórios**, vol. 43, pp. 227-239, 2021.

-
- HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.
- LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.
- LOTMAN, I. M. **La Semiosfera I**. Madrid: Cátedra, 1996.
- MACHADO, L. C. S. **Semioses das imersões sci-nestésicas**: uma diagramática das obras de arte em espaços expositivos. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- NAKAGAWA, R. M. O.; CARDOSO, T. S. Epistemologia semiótica e a questão do observador em Peirce e Lotman. **Estudos Semióticos**. Vol. 16, n. 3. p. 112-132, 2020.
- PEREIRA, L. B. **Modernidade, mixofobia e a configuração do espaço público**: questões sobre civilidade em Águas Claras, Brasília – DF. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- PEREIRA, L. B.; CRUZ, L. S. F. Da crítica à superquadra ao quarteirão murado: o caso de Águas Claras em Brasília. **Pos FAUUSP**, vol. 28, n. 52, p. 1-18, 2021.
- PEIRCE, C. S. **A Fixação da Crença**. Tradução de Anabela Gradim Alves, Universidade da Beira Interior. *Popular Science Monthly*, vol. 12, p. 1-15.
- REIS, A. C. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 63, n. 1, p. 75-86, 2011.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- RUMBELSPERGER, D. S. Max Weber e Georg Simmel: duas perspectivas (cognitivas e políticas) sobre a modernidade. **Problemata: R. Intern. Fil.**, vol. 6, n. 2, p. 117-150, 2015.
- SANTAELLA, L. **Estética**: de Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 1994.
- SANTAELLA, L. **Teoria Geral dos Signos** – como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2008
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.
- SILVA, M. A. A especulação imobiliária descaracterizando uma ideia: o caso de Águas Claras, no DF. Porto Alegre: **Anais do IV ENANPARQ**, 2016.
- SIMMEL, G. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito (1903). **MANA**, vol. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.
- SOUZA, L. C. P.; DRIGO, M. O. **Aulas de Semiótica Peirceana**. São Paulo: Annablume, 2013.
- WOOLF, V. **Flanando por Londres**. In *O Sol e o Peixe: prosas poéticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ZIMBRES E REIS ARQ. ASSOCIADOS. Memorial Descritivo do Bairro Águas Claras – MDE 220/90. Brasília: Governo do Distrito Federal, 1991.